

TEATRO E PSICANÁLISE: UMA LEITURA DA OBRA DE JACOB LEVY MORENO

THEATRE AND PSYCHOANALYSIS: A READING OF THE WORK OF LEVY JACOB MORENO

Nicaulis Costa Conserva¹

RESUMO

Sabemos que a Arte e a Psicanálise sempre encontraram formas de se unirem em seus processos criativos e terapêuticos. No entanto, a sistematização destes encontros ainda carecem de uma metodologia clara e acessível. O que este trabalho pretende apresentar, portanto, é um método que une Teatro e Psicologia, o Psicodrama. Ele foi criado por Jacob Levy Moreno e para tanto, iremos apresentar a síntese de sua trajetória enquanto dramaturgo e psicanalista, além de toda a metodologia de sua obra.

Palavras-chave: Jacob Levy Moreno, psicodrama, teatro, psicanálise.

ABSTRACT

We know that Art and Psychoanalysis always found ways to unite in their creative and therapeutic processes. However, the systematization of these meetings still lack a clear and accessible approach. What this paper intends to present, therefore, is a method that combines theater and psychology, psychodrama. It was created by Jacob Levy Moreno and for that, we will present a summary of his career as a playwright and psychoanalyst, as well as the whole methodology of his work

Key-words: Jacob Levy Moreno, psychodrama, theater, psychoanalysis.

¹ Graduada em Artes Cênicas/Interpretação, Licenciada em Educação Artística/Teatro, especialista em Ensino de Artes, mestre em Educação pela Arte pela Universidade Moderna de Lisboa (UMO) e professora de Artes do Instituto Federal de Rondônia (IFRO).

1. INTRODUÇÃO

A utilização de diferentes métodos que auxiliem um aumento de qualidade da vida humana é relevante tanto à psicologia como à arte, especialmente neste momento da história em que vivenciamos a imersão da sociedade no universo tecnológico. Atualmente, enfrentamos uma banalização das relações pessoais em detrimento à intensa troca das relações estabelecidas virtualmente. É preciso, portanto, valorizar a existência do ser junto a outro ser e, principalmente, inserido a um grupo de pertença.

Este trabalho apresenta os fundamentos da obra de Jacob Levy Moreno, destacando os principais pensamentos Psicodramáticos, pois a partir da experiência destes fundamentos o sujeito estabelece vínculos e trocas essenciais ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

A teoria de Moreno explicita como, no percurso de amadurecimento, podemos construir os papéis que irão delinear a qualidade do nosso relacionamento com o meio e, portanto, julgamos também indispensável apresentar momentos da biografia do autor para facilitar o

entendimento de sua teoria. O Psicodrama e seus instrumentos terão lugar de destaque neste trabalho, uma vez que permitem um conhecimento minucioso das relações individuais e, conseqüentemente, de um grupo como um todo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a efetivação da proposta deste artigo – que se propõe a realizar uma abordagem da obra de Jacob Levy Moreno – recorreremos à leitura de vários autores, especialistas na vida e obra do psicodramatista, e apresentaremos a análise do estudo a seguir.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 HISTÓRIA DE MORENO

Jacob Levy Moreno, médico psiquiatra e precursor do Psicodrama, é natural de Bucareste na Romênia e nasceu no mês de Maio do ano de 1889. Cresceu sob a influência de valores judaicos e, aos 5 anos, mudou-se com seus familiares para Viena, onde viveu até 1925.

Ainda muito criança, antes de completar os cinco anos de idade, Moreno

reuniu-se com algumas crianças para brincarem de “Ser Deus”. Mais tarde, a improvisação infantil foi referida pelo psicodramaturgo [1] como a primeira sessão psicodramática “particular” que ele havia conduzido. Era, ao mesmo tempo o diretor e o sujeito.

Em sua juventude, cursou dois anos de filosofia, antes de transferir-se para a medicina. Uniu-se a outros estudantes e fundou “A Religião do Encontro”, com forte influência religiosa e pensamentos contrários aos costumes estabelecidos. Brincavam com as crianças nos parques de Viena e utilizavam-se de histórias e jogos que faziam apelo à espontaneidade e ajudavam pessoas pobres ou refugiadas.

Nesta época, Moreno tornou-se muito conhecido em Viena por andar com uma capa verde e deixar crescer sua barba vermelha. Criava-se sobre ele uma imagem messiânica e uma fama de ser solidário a quem o procurasse. Encontrava-se com algumas pessoas para refletirem sobre seus conflitos, cantarem, dançarem e, também criou um jornal com tiragens mensais, o *Daimon*. A respeito desta época, [1] relata que: “minha idéia fixa era de que uma pessoa sozinha não tem nenhuma autoridade, que ela deve ser a voz de um grupo. Deve existir um grupo: a nova palavra deve vir de um grupo. Em função

disso, eu saí procurando amigos, seguidores, pessoas do bem. Minha nova religião era a religião da existência, da auto-perfeição. Era uma religião da ajuda e cura, porque ajudar era mais importante que falar. Era uma religião de silêncio. Era uma religião de fazer as coisas pelo desejo de fazê-las, sem recompensas, sem reconhecimento. Era uma religião de anonimato”.

Antes da Primeira Guerra Mundial, trabalhou com prostitutas oferecendo-as organização e auxílio. Esta fase deu início ao seu primeiro desejo pelo estudo do grupo através da psicoterapia e, a partir de então, entre 1915 e 1917, desenvolveu atividades num campo de refugiados tirolezes onde observou as interações grupais e suas características psicológicas.

Quando se formou médico em 1917, atendia as famílias em suas casas e preocupava-se sempre em compreender as pessoas em seus ambientes de atuação: trabalho, comunidade e família. [3] diz que “Moreno estava mais interessado nos processos conscientes, no aqui e agora, na criatividade da pessoa do que nos processos inconscientes, no passado e nas resistências do paciente”.

Logo depois da Primeira Guerra Mundial, os austríacos sofriam com a ausência de líderes sociais e políticos e na

primavera de 1922, Moreno sugeriu um encontro com a população para discutir a futura estruturação política da Áustria. Iniciou suas palavras frente à um trono real, disse estar à procura de um líder e sugeriu a ocupação do palco pelos espectadores para que estes assumissem o reinado. Moreno nos diz que este Teatro Público foi um fiasco mas, segundo [3], foi o primeiro momento de vivência Sociodramática aplicada a problemas políticos e sociais.

Depois deste primeiro encontro “cênico”, o psicodramatista aproximou-se cada vez mais de pessoas ligadas ao teatro e acabou por criar o Teatro da Espontaneidade, o qual detalharemos a seguir e que objetivava livrar o teatro tradicional do que ele chamou de conservas culturais. As encenações deste teatro eram constituídas de dramatizações das manchetes dos jornais impressos, chamadas Jornal Vivo, e criações espontâneas a partir de temas dados.

Em 1923, o famoso caso Bárbara-George deu início ao psicodrama terapêutico. Bárbara, esposa de George, era uma atriz que actuava no teatro da espontaneidade e desempenhava com muita habilidade papéis doces e meigos em suas encenações. George, então, procura Moreno e diz que Bárbara, na verdade, era

agressiva e que os dois viviam em profunda infelicidade. Moreno passa, a partir deste momento, a distribuir papéis agressivos à esposa e a inserir o marido nas cenas. O Teatro da Espontaneidade transforma-se em Teatro Terapêutico e este no Psicodrama Terapêutico.

O teatro espontâneo não foi bem aceito nem pela população, nem pelos críticos e, após pouca relevância da obra em seu país, Moreno se mudou para os Estados Unidos, em 1925. Já nos Estados Unidos, sua teoria ganhou visibilidade e Moreno conseguiu sistematizar seus conhecimentos em direção a uma maior cientificidade à sua produção teórica. Fundou os termos Sociometria, Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, quais buscam o desenvolvimento dos indivíduos no grupo e com grupo.

Onze anos depois, Moreno mudou-se para Beacon, onde fundou um núcleo formador de profissionais psicodramáticos e ofereceu sessões regulares de teatro público. Também construiu seu primeiro teatro de psicodrama, que funcionou até a década de oitenta.

O psicodramaturgo divulgou e sistematizou suas ideias e conceitos em diferentes países, sobretudo no final de sua vida. Faleceu em Maio de 1974, aos 85 anos de idade e pediu para que em sua

sepultura fossem eternizadas as seguintes palavras: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da psiquiatria à alegria”.

3.2 A TEORIA MORENIANA

Para a investigação dos aspectos ligados ao homem social, Moreno criou uma teoria e a chamou de Socionomia (do latim *sociu* que significa companheiro, grupo e do grego *nomos* que significa lei, regra), definida, posteriormente, como o conhecimento das regras que permeiam as ações sociais e grupais.

O revolucionário Moreno criou a Teoria Socionômica, a Socionomia, como uma nova área do conhecimento sociológico, que se propõe em analisar e intervir nos conflitos de um grupo social, no momento presente em que são vivenciados por ele. A Socionomia estuda a compreensão do comportamento do homem em suas qualidades intra e inter individuais, tornando possível sua aplicação não apenas junto ao grupo, mas também com o indivíduo e suas relações com o grupo. A partir de sua teoria, Moreno estabelece três distribuições:

1) Sociometria - ciência da análise e medida das relações interpessoais. Objetiva relacionar as formas de aproximação,

identificação e/ou rejeições, com as formações e desenvolvimentos dos âmbitos psicológico, social e biológico.

2) Sociatria - ciência do tratamento das organizações sociais. Propõe tratar as relações e afinidades interpessoais dos indivíduos.

3) Sociodinâmica - ciência que estuda a dinâmica da convivência humana. Objetiva estudar a organização dos grupos sociais, dos pequenos grupos e das associações de grupos.

O foco primordial da obra de Moreno era conhecer cada indivíduo em suas expressões, por meio de suas capacidades de espontaneidade e criatividade, a considerá-lo parte de um grupo ou instituição social. Em [4], Moreno afirma que pretende se dedicar ao estudo da humanidade como uma unidade social real e considera que propõe um avanço em relação à posição médica e psicológica da época, que analisavam o indivíduo isoladamente. Para Moreno, a análise das ações de um indivíduo deve acontecer no grupo e com o grupo e, a partir deste pensamento, criou os importantes métodos utilizados na Socionomia, em suas diferentes áreas. [5] indica-nos estes métodos:

Estrutura Socionômica

SOCIONOMIA	SOCIOMETRIA	-Teste sociométrico -Teste sociométrico de percepção
	SOCIATRIA	-Psicoterapia de grupo -Psicodrama -Sociodrama
	SOCIODINÂMICA	-Interpretação de papéis -Teatro espontâneo e <i>Role-Playing</i>

A teoria de Moreno é bastante extensa e muitos são os seus métodos, porém toda ela tornou-se conhecida por Psicodrama e o mais certo é que torna-se quase impossível a separação por completo de sua obra. Sua teoria e seus métodos estão intrinsecamente ligados quando se busca o estudo e a intervenção nos grupos.

A presente pesquisa tem a sua fundamentação teórica no Psicodrama e, de certa forma, também utiliza-se de toda a obra do autor para o alcance de seus objetivos. Portanto, para uma maior compreensão de sua obra, analisaremos não apenas o surgimento do Psicodrama, através do Teatro Espontâneo, mas também a sua relação com o Sociodrama, seu ‘complemento’ natural.

Pensamos, no entanto, que não é possível compreender cabalmente a obra de Moreno sem uma referência ao panorama teatral de sua época, até chegarmos ao Teatro Espontâneo.

3.2.1 Teatro Espontâneo

“A grande revolução da arte grega, a descoberta de formas naturais e do escorço, ocorreu numa época que é, certamente, o mais assombroso período da história humana. É a época em que o povo das cidades gregas começou a contestar as antigas tradições e lendas sobre os deuses, e a investigar sem preconceitos a natureza das coisas. É o período em que a ciência, tal como hoje entendemos o termo, e a filosofia despertam pela primeira vez entre

os homens, e se desenvolve o teatro a partir das cerimônias em honra de Dionísio.” [6]

No teatro convencional, um autor cria todos os personagens, bem como sua trama e falas. Depois disso, um diretor escolhe quais serão os atores a representar cada personagem e estes levarão algum tempo a ensaiar e descobrir a melhor forma de dizerem suas falas e realizarem suas ações. Ao encontrarem a forma mais próxima ao ideal, tentam “congelá-la”, através da repetição dos ensaios.

Podemos dizer que psicodrama é o teatro da vida, em que o autor, personagens, roteiro, somos nós mesmos. Essa equivalência da obra de Moreno com a arte teatral, inclusive nos termos usados por ele, nos faz refletir sobre os caminhos do teatro na época de Moreno. Acreditamos que Moreno foi um “homem de teatro”, mas não podemos deixar de lembrar que ele foi igualmente um médico psiquiatra muito empenhado nesta função.

Na altura em que Moreno iniciava sua criação do que viria a ser sua teoria, o contexto artístico - teatral do início do século XX, na Europa, era o seguinte:

1 - De um lado tínhamos os adoradores do *teatro realista*, aquele fazer teatral que propunha ser o mais fiel possível à

realidade e acreditava que a arte deveria ser um retrato da vida. Nessa linha, tínhamos autores tais como Anton Tchecov e August Strindberg. Os atores deste teatro deveriam ser intérpretes fiéis, quase a anular suas próprias características em função do personagem, deveriam “colar-se” ao papel e fazer com que o público acreditasse que o personagem interpretado era uma pessoa real.

Para auxiliar este tipo de atuação, algumas técnicas foram desenvolvidas e passaram a integrar o Método Stanislavski para Atores, ainda hoje muito utilizado na arte da representação em todo o mundo, criado por Constantin Stanislavski (1863 - 1938), ator e encenador russo, fundador do Teatro Artístico de Moscou, em 1898.

Segundo [7], “a influência de Stanislavski foi imensa. Nas escolas do actor nos países de Leste, é o sistema que serve de base. Nos Estados Unidos, o Actor’s Studio retomou os elementos principais da técnica interior, projectando-lhe uma perspectiva particular vinda da psicanálise. Grotowski, na Polónia, partiu das questões essenciais propostas por Stanislavski para procurar novas respostas”.

Dentre as inúmeras lições por ele apresentadas, temos a criação da gênese da personagem, que consiste em o ator

construir uma história progressiva do personagem que irá representar, baseada nas informações retiradas de todo o texto dramático. Desta maneira, o ator pode escrever a história de vida de seu personagem e conhecê-lo profundamente.

Outra premissa deste Método fala-nos da memória afetiva do ator. Stanislavski percebeu a dificuldade dos atores em entregarem-se emocionalmente em uma cena que assim os exigissem, e acabou por descobrir uma técnica extremamente relevante à criação e ao desempenho dos papéis. Se o executor conseguisse lembrar algum fato pessoal de sua vida que ainda o comovesse, esta emoção poderia ser modificada e levada à cena. Portanto, a memória afetiva do ator (fato vivido), para Constantin, é necessária à interpretação de uma cena teatral. Com a repetição necessária espetáculo após espetáculo da mesma cena, o impacto emotivo daquele passado pode tornar-se menos efetivo e a memória afetiva do ator deve ser atualizada constantemente.

“Esta experiência ilustra o processo de trabalhar a partir da emoção despertada, retrocedendo até ao seu estímulo original. Usando este processo, o ator pode repetir à vontade qualquer sensação que ele queira, pois pode retrair o caminho do sentimento acidental até o que o estimulou,

para refazer seu caminho, voltando do estímulo ao próprio sentimento”. [8]

O Método Stanislavski é, constantemente, ligado à Psicologia, a um “psicologismo” de representação. A curiosidade das ideias em Psicologia aguçou os pensadores e as descobertas de pesquisa daquela época, e influenciou, também, as Artes Cênicas.

2 - Em contraponto com Stanislavski, surgia no mundo teatral outro encenador: Bertold Brecht. Os anos 30 foi o marco de sua atuação, que veio revolucionar não exclusivamente a maneira de interpretação dos atores, como a função do fazer teatral na sociedade.

“Bertold Brecht (1898-1966) foi um autor dramático, encenador e poeta alemão. Para além de uma obra dramática muito rica, deixou uma obra teórica importante que se estende dos anos vinte aos anos cinquenta. Recusando o teatro ‘dramático’ aristotélico, fundado na ilusão e na identificação, defende desde 1926 o ‘teatro épico’ e os seus princípios de distanciamento”. [7]

O distanciamento crítico, presente na obra de Brecht e que trata da representação de papéis dos atores, revolucionou a forma de pensar a criação de todo o teatro. A partir da obra de

Brecht, o ator não mais ilude a plateia de que ele é o personagem; ao contrário, ele tem consciência de que faz parte do imaginário, ou seja, todos sabem que isso é teatro, é faz de conta. Brecht propôs tratar “o personagem como objeto, como portavoza de forças econômicas e sociais” [9]. Agora não seria necessário iludir a ilusão, que não sei que você finge que acredita que eu sou quem não sou. Vamos, portanto, brincar de “ser”.

Para Brecht, o ator não precisa esquecer sua identidade porque, à medida que ele se coloca distanciadamente em relação ao personagem a ser vivenciado, mais colabora com a posição social do teatro, que é a de instigar o pensamento. O teatro, através do distanciamento crítico, do fazer pensar, faz com que o público mobilize-se a modificar seus hábitos e, assim, consegue mudar o panorama social em que vive.

A proposta da teoria de Brecht, de seu teatro épico, é de que o ator conheça profundamente seus textos e ações, entenda a extensão do personagem que representa e consiga atingir ao público não só emotivamente, como cognitivamente. Para ele, a cena precisa provocar uma catarse que não termine no momento em que termina a apresentação teatral, mas que leve a plateia a perceber que eles próprios

são espectadores e atuantes, disponíveis socialmente para a promoção de mudanças através de seus atos. “A partir dos anos cinquenta, as propostas brechtianas não cessaram de exercer, sobre todos aqueles a quem o papel sociopolítico do teatro preocupa uma enorme influência”. [7]

Moreno também voltava sua pesquisa para o teatro da criticidade, entretanto não mumificado, nem que desprezasse a capacidade dos espectadores. Mas Moreno desejava seguir muito adiante do que se fazia. Queria saber quem era esse público que frequentava as salas de teatro, almejava conhecer suas histórias e que compartilhassem sua dor. Ele desejava, acima de tudo, que o espectador fosse o eco do que a sociedade estava a pensar, a sentir e o que desejava fazer.

Neste panorama, Moreno criou o seu teatro: o teatro espontâneo, na tentativa de ampliar não somente a característica da expressão verbal, comum em terapia, mas também objectivando a mudança dos paradigmas existentes no teatro, que se sustentavam sobre a dramatização de uma história com início, meio e fim, constantemente representadas pelos atores e vista passivamente pela plateia. Mais que a capacidade de execução das Artes Cênicas, para Moreno o que importava era

a Espontaneidade e a Criatividade dos atores.

O teatro de Moreno, além de identificar-se em alguns aspectos de Stanislavski e Brecht, aproximou-se da Commedia dell'arte (movimento teatral que surgiu na Itália no século XVI e que utilizava-se do improviso como estruturação cênica), quebrou com os paradigmas e dedicou-se a propor algo novo quando molda a ideia do *self* espontâneo criativamente. De acordo com mestre do Psicodrama [10], a mudança do teatro convencional para o teatro espontâneo concretizou-se de quatro formas:

- 1) Eliminação do dramaturgo e do texto teatral por escrito;
- 2) Participação da audiência, um teatro 'sem espectadores'. Todos são participantes, cada um é ator;
- 3) Atores e plateia são agora os únicos criadores. Tudo é improvisado. O espetáculo, o gesto, o tema, o texto, o encontro e a resolução dos conflitos;
- 4) O antigo palco desaparece: ao invés dele, surge o espaço-palco, o espaço aberto, o espaço da vida, a vida mesma.

Inicialmente, Moreno utilizou-se do Jornal Vivo: os atores dramatizavam as

notícias constantes nas manchetes e folhetins diários. *Posteriori*, dedicou-se ao teatro terapêutico, no qual quem os protagonizava eram as pessoas que viviam os conflitos internos e eles mesmos dirigiam suas dramatizações. Desta forma, "o teatro da espontaneidade desenvolveu assim uma modalidade intermediária de teatro - o teatro de catarse ou psicodrama" [10].

3.2.2 Sociodrama

Moreno aponta que o Psicodrama almeja objetivar uma experiência de subjetivação e identificar individualmente esta experiência, portanto, o próprio indivíduo em Psicodrama é o sujeito. Porém, define o Sociodrama como um "método de investigação ativo e profundo sobre as relações que se formam entre os grupos e sobre as ideologias coletivas" [4]. O verdadeiro sujeito do Sociodrama é o grupo e, neste sentido, podemos falar em pensamentos e vivências de um coletivo (Papéis Sociodramáticos) e pensamentos e vivências de um indivíduo (Papéis Psicodramáticos).

Numa sessão de psicodrama, para Moreno, a atenção do director e sua equipe está voltada para os conflitos individuais e suas questões pessoais. À medida que tais

problemas são revelados, a plateia se envolve na ação, através de observação e relacionamento com os apontamentos do protagonista – que passam a tornar-se sua própria criação de papéis. Desta maneira, o enfoque grupal é uma forma de se chegar ao indivíduo.

Já no Sociodrama o sujeito central é o grupo; releva-se o conjunto de pessoas que caracterizam este mesmo grupo, seus conflitos e as interações que ali ocorrem. O Sociodrama trata conflitos sociais e busca alcançar uma catarse socialmente construída, enquanto o Psicodrama trata conflitos pessoais e busca alcançar uma catarse pessoal.

Entretanto, como diz-nos [5], “as duas formas de desempenho de papéis - sociodramática e psicodramática - em certo sentido não podem ser separadas: no drama do social aparece a visão individual da pessoa que atua e no desempenho pessoal revelam-se as características coletivas, próprias de determinada cultura”.

3.3 PSICODRAMA

“De todas as técnicas e métodos de redução de tensões, talvez seja ainda o Psicodrama o mais interessante e eficaz, para atingir ao mesmo tempo tensões individuais e de grupo, e lidar com elas, combinando num só método a realidade

biológica e sociológica, a psicologia individual e a psicologia social, a sociologia e mesmo a antropologia.” [11]

O Psicodrama que vem da tradução de *psyche* – alma – e *drama* – ação – é exclusivamente uma maneira de explorar aquilo que já foi vivenciado por um indivíduo, adulto ou criança, ativamente. É realizado essencialmente com o grupo, no grupo e pelo grupo utilizando-se dos ecos da vivência, contada e representada no grupo.

A metodologia psicodramática é uma união de elementos e conceitos das teorias filosóficas e teatrais e, segundo Moreno, objectiva o desenvolvimento da espontaneidade e da tomada de consciência através da ação. Numa oportunidade de realização pessoal, o indivíduo alcança a capacidade de desempenhar naturalmente seus papéis, formar relações que reflitam sua identidade e, assim, vislumbrar novos horizontes.

Para a aplicação de sua metodologia, Moreno estabelece uma ampla ligação de conhecimentos e suas etapas, bem como os termos utilizados, que serão aqui apresentados.

Na teoria moreniana, podemos observar vários conceitos elencados a partir de uma nova perspectiva. Um deles apresenta-se em como o autor concebe o

momento do nascimento. O nascimento não pode ser um momento de trauma ao indivíduo, como apontam outros autores, mas antes um movimento necessário para a sobrevivência do ser. Assim como o feto vive dentro do útero fases do desenvolvimento extremamente necessárias, também, num dado momento, torna-se impossível dar continuidade à essas fases, por causa do espaço uterino que se tornará cada vez menor. Portanto, é preciso nascer para continuar a viver; desejar permanecer no útero seria acarretar traumas ou fatalidades.

“A busca, pelo feto, de um ambiente adequado às suas necessidades não é passiva, mas, bem ao contrário, o nascer é um ato desencadeado e realizado ativamente por aquele, com a colaboração materna. O nascer é, pois, um ‘ato compartilhado’ no qual os diferentes esforços do feto integram-se com os da mãe e cujo resultado final é a individualização e a conquista do espaço por um novo ser que, em seguida, se implanta numa nova matriz, a Matriz de Identidade.” [12]

Após o nascimento, a matriz de identidade, também conhecida como “placenta social”, será capaz de permitir que o recém-nascido se insira no grupo social e supra suas necessidades ligadas à fisiologia, psicologia e sociabilidade. “A Matriz de Identidade é responsável pela

organização das primeiras vivências, transmitindo a herança cultural e influenciando diretamente a organização psicológica e social da criança.”[13]

[1] afirma que se pode levar em consideração que esta Matriz é o lugar do qual emerge gradualmente o “eu”, suas variações ou papéis. Desta maneira, a partir da interação que o bebê inicia com seu mundo social, tem-se os elementos culturais de conduta ou o que Moreno denominou “papéis”. Há três tipos fundamentais de papéis:

- Papéis Psicossomáticos ou Fisiológicos
- Papéis Psicodramáticos ou Psicológicos
- Papéis Sociais

Os papéis que Moreno nomeia como *papéis psicossomáticos* estão em associação às necessidades fisiológicas indispensáveis à sobrevivência do ser, como por exemplo: se alimentar, evacuar e descansar. “Nestes casos, é no exercício da função que vão sendo manifestados os papéis e, através deles, o organismo. Os papéis psicossomáticos estabelecem, pois, nexos entre o ambiente e o indivíduo. Constituem os tutores sobre os quais vai desenvolver-se o Eu.” [12]

Os *papéis psicodramáticos* estão unidos aos conceitos psicológicos do Eu e correspondem aos papéis que surgem da atividade criadora do indivíduo.

Os *papéis sociais* estão em correspondência com as funções sociais que o sujeito assume. Através deles, o indivíduo se relaciona com o seu ambiente de pertença e, ainda, estes serão “adquiridos na Matriz de Identidade dos grupos aos quais se vai pertencendo, pelo que seu número e características dependerão da referida Matriz”. [12]

O núcleo do Eu, formado em cada vivente, será o resultado da integração entre corpo, psique e ambiente de seu entorno. A princípio, é construído a partir do “si” fisiológico, que será correspondido aos papéis psicossomáticos. Portanto, inicialmente, o bebê se encontra num momento de indiferentismo entre estas três áreas de sua constituição enquanto ser: corpo, mente e meio ambiente. Com o tempo e a partir da interação com o ambiente, os papéis psicossomáticos tomam nova estrutura e delimitam mais eficazmente as três áreas.

Moreno afirma que, ao desempenhar os papéis psicossomáticos a criança experiencia o corpo, ao desempenhar os papéis psicodramáticos explora a vivência da mente (psique) e ao

desempenhar os papéis sociais apropria-se de sua sociedade (meio ambiente).

Os papéis correspondem ao embrião do Eu e, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, transformam-se e tendem a se unirem em razão das características que os associam. Assim, os papéis fisiológicos da fase inicial do indivíduo se fundem e formam um Eu Fisiológico, de igual maneira que há a constituição de um Eu Psicodramático e de um Eu Social. Nosso Eu é constituído num processo integrativo desses três “Eus” individuais. “Corpo, psique e sociedade são, portanto, as partes intermediárias do eu total.” [1]

Moreno nos afirma que a vivência de um papel “é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, outras pessoas ou objetos estão envolvidos” [1]. Podemos, a partir das palavras de Moreno, afirmar que o desempenho espontâneo de nossos papéis é a grande premissa contributiva do Psicodrama.

Para Moreno, a espontaneidade consiste na capacidade do indivíduo em oferecer uma resposta adequada a situações inéditas ou uma nova resposta à uma antiga situação, a expressar espontaneamente seus pensamentos e sentimentos. [3] aponta que

“a resposta do indivíduo é baseada no que se requer agora e não no que aprendeu no passado e aplicou quase que cegamente o tempo todo em cada situação. Moreno atrela a capacidade da pessoa ser criativa à capacidade de manter ou adquirir um estado de espontaneidade. Crianças ‘não estragadas’ por convenções, conservas culturais ou estereótipos são, para Moreno, modelos de espontaneidade”.

A criança é naturalmente espontânea, mas, com as regras e hábitos impostos pela sociedade, acaba por se tornar, em muitos casos, adulto oprimido e moldado. A espontaneidade corresponde a um potencial que permite ao organismo dos seres humanos se adaptar de maneira adequada aos momentos que enfrenta em seu cotidiano e, para Moreno, encontra-se num território intermediário entre a herança genética e a influência ambiental. Dessa forma, “cada indivíduo possui uma ‘Matriz Espontânea’ a partir da qual se desenvolve a personalidade”. [12]

Resgatar a expressão espontânea é o núcleo central do Psicodrama e, para que a espontaneidade seja liberta, é essencial que o sujeito esteja tranquilo, porque a possibilidade da tensão compromete esta ação.

O Psicodrama trabalha diretamente com os papéis experimentados pelo

indivíduo e procura observar o processo de vivência destes papéis na vida real, compreendê-los em condições de experimentações dramáticas e empregá-los como método psicoterapêutico, a analisar e a desenvolver a melhor maneira de conduta no aqui e agora.

Para [1], o Psicodrama pode ser definido “como um sistema que habilita as pessoas a agir e a sentir, a descobrir coisas e a vê-las por si mesmas (...) como a ciência que explora a ‘verdade’ por métodos dramáticos”. Sua intensão é dominar o mundo de relações do ser humano. O Psicodrama visa trazer para o tratamento psicanalítico a ação e o relacionamento horizontal.

Existem algumas ferramentas instrumentais que o psicodramatista Moreno coloca em evidência para que aconteça a Ação Psicodramática. Quais são:

- *Palco*: constitui-se num espaço que oferece possibilidades de expansão do próprio espaço da vida e, assim, mescla realidade e fantasia. Sua forma circular favorece o afloramento dos conflitos e permite mais facilmente o desenvolvimento da ação;
- *Cenário*: é aquilo que compõe a

cena – adereços e características do espaço, elencados pelo sujeito que vive a cena;

- *Protagonista*: é o sujeito central que, em cima do palco, poderá expressar sua Espontaneidade e rever cenicamente problemas cotidianos que o aflingem. O protagonista também poderá ser o próprio grupo, ser um tema ou alguém a representar o grupo (Sociodrama);
- *Diretor*: de acordo com Moreno, o diretor em psicodrama desempenha três importantes funções: diretor da encenação, terapeuta e analista. Pode ser vivenciado pelo Ego-auxiliar quando necessita contracenar com Protagonistas no palco;
- *Ego-auxiliares*: auxiliam o Protagonista e se unem ao Diretor, quando representam os personagens reais ou imaginários da cena proposta;
- *Auditório*: formado pelas demais pessoas que estão na plateia, podem auxiliar o protagonista a se modificar e vivenciar o ator-psicodramático durante a ação.

As etapas de uma sessão psicodramática compreendem o aquecimento, a dramatização ou representação e a análise e a discussão da ação ou compartilhamento.

O *Aquecimento* pode ser geral, a visar o grupo como um todo, ou específico, quando visa o protagonista particularmente. O momento da *Dramatização* consiste o centro do Psicodrama. O *Compartilhamento* acontece posteriormente a ação da Dramatização e os sujeitos do grupo podem exprimir o que consideram relevante sobre o assunto que trabalharam.

Segundo [13], o Psicodrama precisa levar em consideração os diferenciados ambientes aos quais os indivíduos estão inseridos, que são: contexto social, contexto grupal e contexto dramático.

O *contexto social* é constituído pela realidade social que os sujeitos vivenciam longe do grupo de psicodrama e, inclusive, longe do momento e do ambiente da aula. É um contexto bem demarcado por leis e imposições sociais, diferentes das do grupo. “É deste contexto que provém o material trazido pelos pacientes para a sessão. Neste contexto vivem e nele ficaram doentes.” [12]

O *contexto grupal* caracteriza-se pelos sujeitos em psicodrama, pelo diretor e pelos ego-auxiliares. Neste contexto poderá haver regras próprias, mas também depende das regras pré existentes no contexto social. O contexto grupal diferencia-se do contexto social por sua maior liberdade, compreensão e tolerância.

O *contexto dramático* é o cerne do Psicodrama e consiste na própria dramatização. Segundo [13] “constrói-se um espaço imaginário, altera-se o tempo, criam-se personagens e desempenham-se os mais diferentes papéis, sem perder de vista a existência dos contextos social e grupal”.

No *ato psicodramático*, o vivente é o sujeito exclusivo da ação: corpo e contexto entram em movimento. Esta particularidade do Psicodrama era visto, por Moreno, como um avanço em relação ao que propunha a Psicanálise na época, porque, ao revivenciar o tempo e o espaço na dramatização, o inconsciente emerge e aquilo que não poderia ser visto numa simples verbalização, se torna visível. A espontaneidade nas dramatizações faz com que o indivíduo perca as “máscaras” do Eu e mostre verdadeiramente como reage às situações e como desempenha seus papéis.

A obra de Moreno tem maior reconhecimento por suas características

terapêuticas no grupo. No entanto, sua aplicação tem sido expandida para outras áreas de atuação, o que, de alguma maneira, dialoga com suas origens, visto que Moreno iniciou suas atividades nos ambientes comuns da convivência humana, tais como: jardins, praças, teatros, quartéis, prisões e hospitais.

4. CONSIDERAÇÕES

Moreno nos proporciona a utilização do drama e da psicanálise para a resolução dos conflitos humanos e podemos apropriar a metodologia de sua obra em ambientes diferenciados ao do consultório, oferecendo ao sujeito deste processo momentos de ludicidade e alegria.

Para o psicodramatista, toda a aplicação do método deve ter como centro de sua estrutura a expressão espontânea e a compara, inclusive, com o potencial espontâneo ilimitado das crianças.

“Quando olho para uma criança, vejo ‘sim, sim, sim, sim’. Elas não precisam aprender a dizer sim. Nascer é sim. Você vê a espontaneidade na sua forma de vida. Está escrito por toda a parte da criança, em sua ‘fome de atos’, como ela olha para as coisas, como ouve as

coisas, ao se apressar no tempo, quando se move no espaço.” [4]

5. REFERÊNCIAS

[1] MORENO, J. L. Psicodrama. 17^a ed. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

[2] MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. Coleção Novas Buscas em Psicoterapia, vol. 20. Tradução: Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

[3] MARINEAU, R. F. Jacob Levy Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. Tradução: José de Souza Mello Werneck. São Paulo: Ágora, 1992.

[4] MORENO, J. L. Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e psicodrama. v.I. Goiânia: Editora Dimensão, 1992.

[5] KAUFMAN, A. Teatro Pedagógico: Bastidores da iniciação médica. São Paulo, Ágora, 1992.

[6] GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16^a ed. Tradução: António Sabler. Lisboa: PÚBLICO, 2005.

[7] BORIE, M.; ROUGEMONT, M.; SCHERER, J. Estética teatral: Textos de Platão a Brecht. Tradução: Helena Barbas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

[8] STANISLAVSKI, C. A Construção do Personagem. 12^a ed. Tradução: Pontes de Paula Lima. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

[9] BOAL, A. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

[10] MORENO, J. L. O Teatro da Espontaneidade. Tradução: Maria Sílvia

Mourão Neto. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

[11] WEIL, P. Psicodrama. Rio de Janeiro: Cepa, 1978.

[12] BERMÚDEZ, J. G. R. Introdução ao Psicodrama. 3^a ed. Tradução: José M. D'Alessandro. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

[13] ARANTES, V. J. Ação psicodramática em sala de aula. Tese de Doutorado em Psicologia Educacional – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.